

## Editorial

DOENÇAS  
DA POBREZA

O comitê olímpico dos Estados Unidos liberou seus atletas de participar ou não das Olimpíadas do Rio de Janeiro, por causa da incidência de casos de zika vírus, transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*. Ao mesmo tempo, o presidente Barack Obama pediu ao Congresso US\$ 1,8 bilhão para combater a doença, dentro (em Porto Rico e no Havaí) e fora dos EUA.

O alvo é o mosquito, embora se saiba que só o combate ao inseto não é suficiente. O Brasil é o maior exemplo dessa assertiva. Desde sempre que vem perdendo essa guerra. Reportagem de **O TEMPO** de domingo último faz um recorte no caso de Belo Horizonte, constatando que o poder público municipal perde o embate para o mosquito desde 1992.

O combate ao mosquito é o primeiro passo. O secretário municipal de Saúde, Fabiano Pimenta, confessa que, hoje, é impossível acabar com o mosquito porque “ele é incontrollável”. As cidades são um ambiente perfeito para ele. Todo mundo sabe o que deve ser feito, mas “não conseguimos transformar conhecimento em atitude”, ele desabafa.

Enquanto o mosquito transmitia a dengue, pouco se ligou. Artigo publicado em revista de um dos principais centros de controle de doenças do mundo afirma que a vigilância em saúde subestimou “substancialmente” a dengue no Brasil. O estudo diz que é possível que o número real de pessoas com dengue seja 12 vezes maior do que mostraram os dados oficiais.

A OMS reconheceu que a dengue foi uma doença negligenciada no desenvolvimento de tecnologias que combatam o vírus. Só agora está sendo testada uma vacina. Alicia Ely Yamin, diretora de um centro de saúde e direitos humanos de Harvard, afirma que isso se deu porque a dengue era considerada uma doença da pobreza, atingindo as populações pobres.

Para vencer a dengue e as outras doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*, é preciso atacar as desigualdades sociais e observar, no caso do zika vírus, os direitos reprodutivos da mulher.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Luiz Alberto de Castro Tito  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Silvana Mascagna  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

Duke

A IDEIA DE CRIAR O BLOCO DE CARNAVAL DO ZAP-ZAP FOI BOA, MAS VAI SER DIFÍCIL MANTER TODO MUNDO JUNTO E CONCENTRADO!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

## O lixo do Carnaval diz muito até sobre injustiça reprodutiva

“A sujeira que deixa é um dos problemas do pós-feriado”

Desde que tomei ciência da “sopa plástica do Pacífico”, por volta de 2008, minha preocupação com o lixo, sobretudo o descarte de plásticos, adquiriu uma nova dimensão, pois o que acontece no Pacífico é aterrador do ponto de vista da dialética da natureza.

Mas o que é a “sopa plástica do Pacífico”? Descrita em 1997, pelo pesquisador Charles J. Moore, é “uma enorme camada flutuante de plástico, considerada a maior concentração de lixo do mundo no Oceano Pacífico – com cerca de 1.000 km de extensão contínua, vai da costa da Califórnia, atravessando o Havaí, e chega a meio caminho do Japão, atingindo uma profundidade de mais ou menos 10 metros” (Pedro Paulo Gianini, em “A maior concentração de lixo do mundo”).

Em 2015, a revista “Science” publicou uma pesquisa que analisou dados de resíduos sólidos de 192 países em 2010, coordenada por Jenna Jambeck, professora de engenharia ambiental da Universidade da Geórgia. Ela mostra que, anualmente, os oceanos recebem 8 milhões de toneladas de lixo plástico, e o número cresce a cada ano: a estimativa para 2015 era de cerca de 9,1 milhões de toneladas de plástico.

Recuso, ao máximo, levar material plástico em formato embalagem para casa. Propósito que não é fácil, já que vivemos a era dos plásticos! Todavia, audito o meu lixo cuidadosamente. E fico possesso quando vejo sacos plásticos voando nas ruas, fato comum onde moro.

A Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast) declarou que, “em média, cada brasileiro gera

378 kg de lixo por ano, e grande parte é de plásticos”. Frisando que a poluição por plásticos é problema nacional e global, a Abiplast destacou: “Esperamos que no futuro as novas gerações sejam mais conscientes e pratiquem o consumo sustentável e que desde já todos pratiquem os 5 Rs: Reduzir, reutilizar, reciclar, repensar e recusar”.

Dá comichão em quem tem alguma consciência ecológica a montanha de lixo plástico produzida e descartada de qualquer jeito durante o Carnaval. Segundo o especialista em desenvolvimen-

É espantoso que os governos não tenham se preocupado com o descarte de lixo no Carnaval, no bojo do mutirão de combate ao *Aedes aegypti*

to sustentável Sabetai Calderoni, “o lixo produzido no Carnaval é uma amostra do verdadeiro Carnaval que existe em relação ao lixo”.

Matéria no Portal Brasil (“Descarte correto de lixo no Carnaval ajuda a combater o *Aedes aegypti*”) informa que há estimativas que apontam que no Carnaval há 10% mais lixo que nos demais meses do ano, pelo menos no Rio de Janeiro, segundo a Comlurb. Diz mais: há um aumento de cerca de 40%, a cada ano, na quantidade de lixo recolhido após a folia; e que “a sujeira que o Carnaval deixa nas cidades é um dos maiores problemas do pós-feriado: latas de alumínio, garrafas de vidro, copos plásti-

cos e panfletos de divulgação são facilmente encontrados nas ruas, entupindo bueiros e aumentando o risco de enchentes. Segundo o Instituto Akatu, o aumento do lixo gera impactos na coleta (que fica sobrecarregada), e no armazenamento nos aterros”.

Hoje, no Brasil, a acumulação de lixo é praticamente igual a foco de proliferação do *Aedes aegypti* (transmissor da dengue, chikungunya e zika). É espantoso que a maioria dos governos estaduais e municipais não tenha se preocupado com peças publicitárias educativas sobre o descarte de lixo de modo sustentável no Carnaval, no bojo do mutirão nacional de combate ao mosquito!

Pior, a falta ou insuficiência de lixeiras nas ruas é a regra nas capitais. O que dizer das demais cidades? Eis a foto da realidade do país que quer imputar às mulheres o maior tributo da epidemia de microcefalia: a injustiça reprodutiva!

